

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: um estudo a partir da “Trilha das Marisqueiras”, no município de Ilha Grande, norte do Piauí.

RESUMO

Este estudo investiga a prática do Turismo de Base Comunitária (TBC), utilizando como objeto de estudo a Trilha das Marisqueiras, localizada no bairro Tatus em Ilha Grande, norte do Piauí. O objetivo geral é compreender a potencialidade da “Trilha das Marisqueiras” no município de Ilha Grande – Piauí enquanto recurso para o Turismo de Base Comunitária. A metodologia se deu por meio da pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando pesquisa bibliográfica e de campo, com observação participante, aplicação de diário de campo e entrevistas semiestruturadas aplicadas com duas marisqueiras. Os resultados apresentaram grande potencial da Trilha enquanto um produto do TBC e do turismo de experiência, oferecendo uma vivência diferenciada em relação ao turismo de massa, além da necessidade de participação do poder público e privado para com estas mulheres. Os estudos apontam, ainda, a importância do TBC para a geração de renda, a promoção da igualdade social e de gênero, e a valorização da cultura local.

Palavras-chave: Turismo. Turismo de Base Comunitária. Trilha das Marisqueiras. Ilha Grande. Piauí.

COMMUNITY-BASED TOURISM: a study based on the 'Marisqueiras Trail', in the municipality of Ilha Grande, northern Piauí.

ABSTRACT

This study investigates the practice of Community-Based Tourism (CBT), using as a case study the "Trilha das Marisqueiras" (Shellfish Gatherers' Trail), located in the Tatus neighborhood in Ilha Grande, northern Piauí, Brazil. The general objective is to understand the potential of the trail as a CBT resource. The methodology involved qualitative and descriptive research, including bibliographic and field research, participant observation, field diary entries, and semi-structured interviews with two local shellfish gatherers. The results show great potential for the trail as a CBT and experiential tourism product, offering a distinct experience compared to mass tourism. The study also highlights the importance of public and private support for these women. The findings reinforce CBT as a tool for income generation, social and gender equality, and the promotion of local culture.

Keywords: Tourism; Community-Based Tourism; Shellfish Gatherers' Trail; Ilha Grande. Piauí.

INTRODUÇÃO

O trabalho versa sobre a prática do Turismo de Base Comunitária (TBC) a partir da Trilha das Marisqueiras¹, no bairro Tatus, no município de Ilha Grande, no norte do estado do Piauí. Trata-se, pois, de uma atividade turística, social e cultural em que há benefícios para a comunidade. Nisso, a atividade turística de característica coletiva tem como foco principal os aspectos: social, econômico, cultural e ambiental. Acerca disso, cada aspecto e respectivas ações empregadas podem contribuir para o desenvolvimento sustentável da comunidade receptora.

O turismo, embora com seus elementos positivos, pode ser também desafiador e um deles é o período em que a oferta e demanda por alguma razão, como por exemplo, período chuvoso, são afetados com a redução de turistas principalmente no segmento do TBC em que algumas atividades, demonstrações são exercidas no meio natural.

Por essa razão, a comunidade provavelmente não consegue, com suas atividades oferecidas aos visitantes, uma rentabilidade que justifique seu sustento sem agregar outras fontes de renda como a agricultura familiar, pesca artesanal, artesanato, entre outras atividades que possam garantir uma renda a mais ou até mesmo contribuir com a potencialização do TBC. Com isso, tem-se a pergunta que problematiza este trabalho: *qual a potencialidade da “Trilha das Marisqueiras” no município de Ilha Grande – Piauí enquanto recurso para o Turismo de Base Comunitária?*

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho versa sobre *compreender a potencialidade da “Trilha das Marisqueiras” no município de Ilha Grande – Piauí enquanto recurso para o Turismo de Base Comunitária*. Dentro os objetivos específicos, tem-se os seguintes: a) *analisar o modo com a Trilha das Marisqueiras é operacionalizada com fins turísticos*; b) *discutir a participação de agentes locais no processo de operacionalização da Trilha das Marisqueiras*; e, c) *descrever a Trilha das Marisqueiras enquanto um produto para o Turismo de Base Comunitária*.

A pesquisa busca compreender os aspectos ambiental, cultural e social local, servindo como base para futuras pesquisas que possam ser feitas na localidade sobre o TBC envolvendo a Trilha das Marisqueiras do Bairro Tatus, em Ilha Grande (PI).

Determinados lugares passam pelo processo de transformação do espaço, alterando características e costumes locais causados pelo turismo massificado. Esta análise do local além

¹ Localmente, é conhecida como “Trilha das Marisqueiras”, apenas.

de servir como base para futuros estudos, evidência a prática do TBC da Trilha das Marisqueiras.

O envolvimento das comunidades como o TBC, as torna protagonistas de sua própria atividade turística favorecendo pequenos negócios, produtores locais, pescadores, artesãos, etc., fortalecendo a economia local e reduzindo as desigualdades sociais.

Este estudo pode contribuir para uma melhor compreensão dos impactos positivos e negativos, no âmbito social, cultural, ambiental e econômico, os quais podem ser gerados pelo turismo em regiões ribeirinhas e rurais, demonstrando a realidade dos espaços e grupos envolvidos no TBC.

Subjetivamente, a pesquisa contribuiu para ampliar minha compreensão sobre o TBC, alternativa para a comunidade exercer sua dignidade, direitos e deveres, expressar e representar sua cultura, repassar seus conhecimentos empíricos, ser respeitado e ter a oportunidade de demonstrar o seu potencial por meio da geração de renda e da redução da desigualdade social.

A pesquisa tem como local de estudo o Bairro Tatus, localizado no município de Ilha Grande, distante cerca de 13 quilômetros do município de Parnaíba, no Piauí. No referido bairro há o Porto dos Tatus, considerado o principal porto de embarque e desembarque de turistas que fazem passeios em diversos tipos embarcações ao Delta do Parnaíba, como também local de chegada e partida de moradores das ilhas deltaicas.

O município de Ilha Grande integra a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. Este município é uma das principais portas de entrada para o Delta do Parnaíba, um conjunto de Ilhas que apresenta uma grande diversidade na fauna e flora, além de ser um dos produtos que integram a Rota das Emoções, roteiro turístico implantado em 2005, surgido a partir da iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBREA) e do MTur (SEBRAE, 2023).

É do Delta do Parnaíba que as mulheres marisqueiras tiram seu sustento. Para chegarem até o local de cata do marisco, percorrem um caminho chamado de “Trilha das Marisqueiras”. Por meio desta trilha, é possível avistar variados tipos de animais e espécies de plantas, sendo que esta trilha é realizada pelo menos três vezes por semana (Oliveira; Lemos, 2024).

Em uma sociedade em que se nota a variedade de estudos e práticas voltadas à inserção da mulher no mercado de trabalho e papéis de liderança, percebe-se grande importância de análises e estudos voltados ao TBC, levando em consideração o papel feminino na execução destas atividades.

METODOLOGIA

Para estruturar este estudo, esta pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, pois estuda fenômenos sociais e do comportamento humano que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica que privilegia a compreensão mais próxima dos fenômenos sociais, culturais e humanos, permitindo, assim, a análise das relações e significados presentes nos contextos investigados.

Esta pesquisa se enquadra como de tipo descritiva, haja vista seguir uma linha de ação que consiste em observar, interrogar, coletar, analisar e interpretar com foco na descrição. Esta opção contribui na identificação de problemas e necessidades de uma determinada população, grupo ou contexto orientando ações para possíveis soluções. A pesquisa de tipo descritiva se preocupa em observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los (Gil, 2008).

Como estratégia de coleta de dados, optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo, que consiste em realizar um levantamento de materiais teóricos já publicadas sobre determinado tema (Gil, 2008), além da busca por informações diretas, que se dá no contato com informantes, por meio da entrevista e da observação.

Neste caso, optou-se, assim, pela observação participante, a fim de construir os significados e os símbolos do cotidiano das mulheres marisqueiras que executam a trilha. Neste limiar, por se tratar de uma pesquisa exploratória, utilizou-se também a observação participante, a qual “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 194). Ou seja, o pesquisador se envolve diretamente no ambiente ou grupo que está sendo estudado, participando das atividades e interagindo com os participantes de maneira natural.

Mais ainda, na observação participante, o sujeito que observa pode assumir diferentes papéis, desde observador passivo a participante ativo dependendo dos objetivos da pesquisa e das normas do grupo estudado. Essa flexibilidade permitiu uma imersão mais profunda na cultura e na realidade dos participantes, possibilitando maior compreensão. Nesse meio, foi dessa forma que pude interagir e participar das atividades com as mulheres marisqueiras.

Para Gil (2008, p. 1), é elucidado que o ser humano adquire conhecimento a partir da observação, levando em consideração seus sentidos e interpretações do mundo ao seu redor, porque se “olha para o céu e vê formarem-se nuvens cinzentas. Percebe que vai chover e procura abrigo. A observação constitui, sem dúvida, importante fonte de conhecimento”.

Além da observação participante, realizei entrevistas do tipo semiestruturadas para melhor compreender a dinâmica das mulheres marisqueiras que operam a Trilha, na busca pela compreensão de como as mulheres marisqueiras se organizam para atender os grupos de turistas. Outrossim, o registro fotográfico e o diário de campo deram a base para que esta pesquisa fosse desenvolvida, com os rumos e objetivos a que se propunha.

Na condução da pesquisa por meio de entrevista, foram identificadas as participantes adequadas, a partir do primeiro contato e da explicação do objetivo do trabalho. Desse modo, fez-se a solicitação para que participassem da entrevista de forma voluntária, consoante o roteiro previamente elaborado, permitindo que as participantes expusessem suas opiniões, anseios e experiências de forma livre.

Adicionando, a justificativa pela escolha das mulheres marisqueiras de Ilha Grande se dá por serem elas as protagonistas na atividade extrativista da cata do marisco e, naturalmente, por serem as condutoras da Trilha das Marisqueiras, de forma original e autêntica, sem interferir em suas rotinas e cotidianos. O período do trabalho de campo com a realização das entrevistas aconteceu de março a maio de 2025.

A observação participante, por sua vez, se deu, também, bem antes da pesquisa, por meio de entrevista com perguntas pré-elaboradas e aplicadas. A partir de uma visita técnica realizada na Trilha das Marisqueiras no ano de 2024, foi possível redigir o diário de campo e compreender a dinâmica da Trilha. Na segunda etapa, em 2025, se deu a entrevista, momento no qual inúmeras dificuldades vieram à tona, pela dificuldade de acesso às mulheres marisqueiras, além da ausência de nova realização da Trilha das Marisqueiras, para fins de ampliar a compreensão sobre o objeto.

O último recurso a ser aplicado foi a realização da entrevista durante a Feira de Artesanato e Produtos da Agricultura Familiar (FAPAF). A FAPAF é organizada pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), que visa promover a agricultura familiar, o artesanato local e a geração de renda para os produtores e artesãos da região, com realização semanal, sempre às quartas-feiras, em frente ao Auditório Central da Universidade.

Assim, as entrevistas foram realizadas em um contexto diferente daquele originalmente concebido, que seria na Casa das Marisqueiras e, também, durante a operacionalização da Trilha das Marisqueiras. No entanto, negativas por parte das organizadoras da Trilha inviabilizaram que isso acontecesse. Nesse meio, somente foi possível o contato direto, para as entrevistas, durante a FAPAF, sem que o contexto local (da Trilha), fosse devidamente relativizado, o que poderia trazer elementos mais contundentes para a discussão.

Com isso, apenas duas pessoas foram entrevistadas, sendo a dona Augusta e a dona Maria do Rosário, ambas marisqueiras e que operacionalizam a Trilha. Os nomes originais foram substituídos por fictícios, a fim de garantir privacidade às participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Turismo de Base Comunitária: considerações iniciais

O turismo é um dos setores que mais gera renda no Brasil e no mundo, de acordo com dados do Ministério do Turismo (MTur, 2024). Em 2024, a participação do setor na economia foi de cerca de 16,9 bilhões de reais no mercado nacional. Além de rentável, é uma atividade diversa, que se caracteriza pelo seu dinamismo e muitas facetas de atuação.

Apesar de o turismo desempenhar um papel significativo no desenvolvimento socioeconômico de muitas regiões do mundo, o setor é muitas vezes marcado por práticas predatórias que afetam o meio ambiente, a cultura local e as comunidades residentes (Mendonça Neto; Nascimento, 2024). Assim, cabe pontuar que a atividade requer um alto nível de responsabilidade ambiental e social, principalmente, por constantemente estar inserido em ambientes naturais e comunidades tradicionais. Deve-se sempre buscar alternativas menos nocivas ao meio ambiente, sendo essa a base do turismo sustentável.

Conforme Teixeira e Vieira (2009, p. 4), “um importante modelo de turismo sustentável, que se afina com a ideia de desenvolvimento sustentável, é o turismo de base comunitária”. Seu principal atrativo é o modo de vida tradicional das pessoas que moram em uma comunidade. Neste modelo, os moradores são os empreendedores, administram e planejam as atividades.

Assim, o TBC é entendido como:

[...] modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, que gera benefícios coletivos, promove a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações e a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação (Brasil, 2019, p. 1).

Na mesma prerrogativa, Hallack *et al.* (2011, p. 10) afirmam que o TBC:

Trata-se de uma resposta alternativa que mantém vínculos não só com a imersão ambiental, como também, com a dimensão sociocultural, através do estímulo de trocas culturais entre visitantes e moradores, podendo igualmente apontar caminhos frutíferos para a melhoria da qualidade de vida e do bem estar da população receptora.

Assim, o turismo, conforme a segmentação turística, busca se diferenciar do turismo de massa, requerendo menor densidade na infraestrutura, instalações e serviços, a fim de valorizar uma vinculação nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009). O turismo de massa é entendido pelas comunidades como uma atividade que traz impactos negativos, tanto ao território, quanto aos seus modos de vida e tradições (Moraes *et al.*, 2024).

Em contrapartida, o TBC oferece troca de saberes, experiências autênticas aos turistas, além de estabelecer incentivos ao desenvolvimento social e fortalecimento da identidade cultural. De acordo com Almeida e Emmendoerfer (2023, p. 14), “pode-se indicar que o TBC tem um grande potencial de reduzir as desigualdades socioterritoriais para um desenvolvimento local mais sustentável”.

O TBC, então, é um relevante modelo de atividade, pois traz benefícios para as comunidades locais que dependem de uma atividade de baixo impacto para diversificar a economia e preservar o meio ambiente, divulgar sua cultura por meio da convivência e gerir suas atividades sociais de forma digna (Grimm; Sampaio, 2011).

Ademais, o TBC contribui para manter as características das comunidades que aderem a ele, diferente do turismo convencional que, muitas vezes, tem como marca uma exploração do local com pouca responsabilidade (Zanetoni *et al.*, 2021). No geral, é uma forma de gerar renda dentro das comunidades através de seus costumes e tradições, sendo possível, através do conhecimento local, criar trilhas e atividades recreativas, educativas e dinâmicas para o turista vivenciar.

Dados de uma pesquisa da Booking (2024) sobre possíveis tendências de viagens para 2025, apontam que os turistas buscam romper com o tipo de viagem “engessada” e preferem destinos que os façam ter uma espécie de conexão consigo mesmo e com as pessoas, em busca de diversidade sociocultural. Na busca por fugir do turismo de massa que satura as localidades, o TBC “surge num momento em que a demanda se apresenta cada vez mais ávida por novas experiências, buscando na vivencialidade a experiência de sua viagem” (Grimm; Sampaio, 2011, p. 61).

Dessa maneira, o TBC configura-se como relevante às comunidades, haja vista que “promove a relação entre comunidades e visitantes, ou seja, existe uma abertura efetiva para a comunicação e o diálogo desses grupos sociais com a sociedade” (Moraes *et al.*, 2024, p. 9). Consoante, entende-se que o TBC é uma opção que dá ao turista a possibilidade de vivenciar sua viagem e se reconectar consigo mesmo, sendo que o morador local desfruta da oportunidade

de lidar diretamente com aquele que o visita, pois há a “existência de uma relação dialética (Sampaio *et al.*, 2006, p. 6).

Partindo para um breve panorama histórico, as primeiras experiências de TBC foram realizadas na América Latina, por diligência de comunidades rurais e indígenas das regiões da América Central e Andes (Moraes; Irving; Medonça, 2018). No Brasil, os primeiros projetos de TBC se deram a partir de iniciativas voltadas às políticas socioambientais. Foram criados projetos na Região Norte voltados ao extrativismo no ano de 1997. Um ano depois foram criados projetos no estado do Ceará, no Nordeste do Brasil (Moraes, 2019).

Estas primeiras iniciativas têm em comum serem localidades, em sua grande maioria, de grande importância ambiental. Deste modo, faz-se necessário pontuar o TBC na perspectiva de uma Unidade de Conservação (UC). Com base nisso, de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), entende-se UC como:

[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (Brasil, 2000, p. 1).

Para relacionar as UC's com o TBC, Moraes *et al.* (2024, p. 2) afirmam que:

[...] o planejamento e a prática do turismo em áreas protegidas podem se constituir de estratégias fundamentais para melhor compreensão e apoio à conservação e valorização da natureza e cultura e para o próprio processo de gestão desses territórios.

Considerado uma das principais ferramentas de geração de emprego e renda, a operacionalização do TBC possui a capacidade de modificar a vida das pessoas e, principalmente, levar empoderamento às mulheres e aos jovens, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2019). Como consequência disso, faz-se necessário uma reflexão sobre o protagonismo feminino e o TBC na próxima seção desta pesquisa.

Protagonismo feminino no Turismo de Base Comunitária

O turismo, em um contexto geral e mercadológico, é considerado uma das principais atividades econômicas que geram empoderamento feminino, haja vista que as mulheres aproveitam suas aptidões e habilidades para se beneficiarem no setor do turismo. Com isso, há

a expectativa de geração de autonomia e segurança, tornando suas vidas independentes econômica e socialmente, dentro dos grupos comunitários em que participam (OMT, 2010).

Para Cruz, Devesa e Quiñones (2020), apesar de não haver uma condição exata que determine a escolha das mulheres pelo empreendedorismo, existem aspectos que influenciam na escolha do tipo de negócio a se seguir, como é o caso do cenário socioeconômico do local onde se insere a iniciativa.

Partindo para o viés do TBC, este segmento é capaz de envolver o público feminino desde a concepção do produto até as tomadas de decisões, enquanto que ao mesmo tempo é capaz de elucidar desafios no cenário do gênero e desigualdade na distribuição de benefícios (Ferguson, 2010).

Apesar disso, grandes são os desafios para as mulheres no turismo, porque mesmo que o TBC proporcione tais benefícios, a maioria das “atividades femininas” associadas ao cuidado e limpeza são tidas como um “trabalho fácil” (Alves; Moreira, 2016). Estas “atividades femininas” são frutos de uma concepção social pautada pelo machismo e patriarcado, pois o gênero é posto na história conforme sua sexualização, mediante suas estruturas práticas (Silva, 2019)

Levando em consideração o Relatório Global da OMT (OMT, 2010), existem cinco áreas de destaque que beneficiam a atuação direta das mulheres, sendo: emprego, empreendedorismo, educação e treinamento, liderança e comunidade. Apesar de diferenças de acordo com a região e país, os resultados deste documento destacam que as mulheres não são bem representadas no mercado de trabalho em comparação aos homens, pois recebem menos no que diz respeito à remuneração.

Mesmo ao protagonizarem papéis significativos na atividade turística, as mulheres defrontam-se com limitações na participação ativa do turismo por conta da desigualdade. Não obstante, como já apontado anteriormente, o turismo beneficia o empoderamento feminino, a autonomia e a busca por igualdade no trabalho e na sociedade (Ferguson, 2010).

Vê-se, atualmente, ainda, a influência de estereótipos do Século XIX relacionados ao formato de inserção da mulher no mercado de trabalho (Pimentel, 2024), aludindo a mulher como a “cuidadora do lar”, responsável pela organização das tarefas familiares, enquanto o homem é o responsável pelo sustento e provimento financeiro. Para Pimentel (2024), o TBC tende a ser uma opção para diminuir a disseminação destes estereótipos da sociedade no que diz respeito ao trabalho da mulher, sendo uma ferramenta capaz de trazer à tona os grupos invisíveis, como é o caso das marisqueiras de Ilha Grande - Pi.

Apesar do TBC ter como principal premissa a gestão participativa de moradores locais, inexistiu o foco diretamente na equidade de gênero. Desse modo, a participação feminina nesta modalidade de turismo é muito importante para que a igualdade de gênero esteja presente (Rodríguez; Vizcarra, 2015).

Ao relacionar o TBC e o protagonismo feminino, em sua prática, nota-se que a dinâmica de trabalho entre as mulheres se configura com a adição de seus familiares na execução dos serviços, em sua grande maioria também mulheres, deixando os homens em papel de coadjuvante. Precisamente, isso pode ser visto em um estudo sobre o protagonismo feminino e o TBC nas regiões de Betânia e Travosa, em Santo Amaro do Maranhão (Vieira *et al.*, 2022).

Ainda considerando esta pesquisa, os resultados apontam para os benefícios do protagonismo feminino no que diz respeito ao desenvolvimento local e redução das desigualdades entre gêneros. A ação feminina no TBC contribui também para a manutenção da cultura e do saber-fazer, já que as mulheres detêm destas dinâmicas. Isso também foi observado em um outro estudo, encabeçado por Bastos e Barbosa (2020), ao analisarem reflexões sobre o grupo de mulheres Erva Vida de Marapinim, no estado do Pará. Por isso, se faz necessário destacar o trabalho das mulheres como criadoras e operadoras de atividades voltadas para o TBC.

A Trilha das Marisqueiras: o saber-fazer e o ofício das marisqueiras

A Associação de Catadores de Marisco de Ilha Grande-Piauí (ACMIG), que na verdade é feita quase que exclusivamente por mulheres, localiza-se no bairro Tatus, próximo ao Porto dos Tatus, no município de Ilha Grande, contando com cerca de 50 associados, em sua maioria mulheres. A sede da ACMIG, inclusive, é denominada de Casa das Marisqueiras, haja vista serem elas as protagonistas do lugar.

De acordo com dona Augusta (marisqueira), os poucos integrantes do gênero masculino ajudam mais especificamente no deslocamento dos mariscos, porque *“tem os filhos das marisqueiras também [...], sempre eles ajudam quando as mães chegam para tirar o marisco, porque o marisco é uma coisa pesada [...]*”.

A Trilha das Marisqueiras é materializada por meio de pessoas humildes e que tem uma forte ligação com a natureza, seja das águas como da terra. Tanto marisqueiras, como agricultores e pescadores fazem uso da Trilha, para fins, quase sempre, de extrativismo vegetal.

Todavia, essa atividade é realizada, pois, quase que exclusivamente por mulheres marisqueiras, a fim de extrair da natureza os materiais e alimentos que precisam, tanto para uso

como para comercialização. O Mapa 01 traz a localização e delimita o trecho da Trilha das Marisqueiras para fins de sua compreensão.



Fonte: Lucas Lima Vieira (2025).

O percurso da trilha se materializa com a receptividade do grupo de integrantes da ACMIG, que ofertam um café da manhã composto por; cuscuz de arroz umedecido com leite de coco, tapioca, café, leite, pão frutas e suco. Após tomar o café da manhã, dá-se início a uma breve caminhada, que é o começo, também, da Trilha das Marisqueiras, liderada por dona Maria do Rosario, por volta das 08h. Durante o trecho, alguns desafios podem ser vivenciados, a depender do período do ano, como a necessidade de atravessar alagadiços formados pela água da chuva, conforme a Fotografia 1:

Fotografia 1: Presença de áreas alagadas no decorrer da Trilha das Marisqueiras.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

Durante o percurso da Trilha das Marisqueiras, é feita a oralidade sobre a fauna e a flora local, além do extrativismo vegetal e das formas de uso da vegetação para contenção das dunas. Algumas dessas plantas são disseminadas manualmente pelas próprias mulheres marisqueiras, que lançam as sementes nas dunas, como é o caso da “vassourinha” (*Scoparia dulcis*), a qual pode ser observada na Fotografia 2:

Fotografia 2: Presença de vegetação *Scoparia dulcis* (Vassourinha).



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

Trata-se de uma espécie de vegetação nativa que, além de cumprir a função de contenção das dunas, desabrocha pequenas flores amarelas, proporcionando uma paisagem diferenciada. Outra ação de contenção das dunas é o uso da palha de carnaúba, que também é realizada pelas mulheres marisqueiras e também considerada fonte de renda e trabalho para muitos moradores da localidade. Além disso, é forte a predominância de coqueiros, tal como é notado na Fotografia 3:

Fotografia 3: Presença de *Cocus nucifera*.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024)

No decorrer da Trilha das Marisqueiras, observam-se casas abandonadas, pois seus moradores migraram para outras localidades em busca de acesso a serviços básicos, como a energia elétrica e água tratada. Atualmente, essas terras abrigam a criação de alguns animais, sendo possível vê-los em áreas cercadas por arame farpado, conforme se observa na Fotografia 4:

Fotografia 4: Criação de animais em áreas cercadas.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

Para completar, a Trilha das Marisqueiras ainda proporciona um banho de lagoa, com águas acumuladas pelas chuvas, rodeada por grandes formações dunares que compõem um cenário admirável e convidativo à subida, como na Fotografia 5:

Fotografia 5: Formações durares e formação de lagoas com água da chuva.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

O percurso, ativo por trilhas e dunas de belezas cênicas, segue até um estreito canal do rio Parnaíba, onde ocorre mais um sugestivo banho. Desta vez, o retorno se dá pelo modal hidroviário com uma parada para a demonstração da cata do marisco sururu (*Mytella guyanensis*), utilizando o “landuá”, ferramenta que ajuda no manejo do crustáceo (Santos; Silva; Silva Filho, 2025). A cata do marisco é uma prática que promove a culinária local, evidência o modo de vida dos moradores, contribui para a manutenção da tradição, o consumo e a comercialização do crustáceo. No entanto, por questões logística, a atividade não pôde ser realizada no dia em que ocorreu a vivência da trilha.

Por volta do meio-dia, lancha e canoa motorizada fazem o transporte dos visitantes e turistas até o Porto dos Tatus. Nesse horário, é servido o almoço na Casa das Marisqueiras, que, assim como o café da manhã, é composto pela culinária da comunidade, incluindo o prato principal, à base do marisco sururu, com farofa, baião de quatro, caldo e vatapá. No dia da realização da trilha, o processo de transformação do crustáceo para consumo e comercialização não foi apresentado de forma detalhada.

Após o almoço, é apresentado aos visitantes os canteiros com as hortaliças cultivadas pelos componentes da ACMIG. Além disso, são apresentadas as peças artesanais confeccionadas pelas marisqueiras, bem como os detalhes do processo de produção do marisco

sururu, o qual conforme mencionado anteriormente, é transformado em prato principal local. Após a apresentação e a conversa, o roteiro é finalizado.

Conforme apresentado, é possível denotar que a Trilha das Marisqueiras pode ser apontada como um produto do TBC, uma vez que a operacionalização é por meio de moradores locais. Nesse contexto, a utilização dos recursos naturais e a cultura local é transmitida principalmente através da oralidade, o que torna emblemático e original a Trilha das Marisqueiras, situando-se como um produto turístico genuíno, com apelo visual marcante e surpreendente, conforme visto na Fotografia 6:

Fotografia 6: Vista panorâmica de trecho da Trilha das Marisqueiras com paisagem em três planos.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

É válido ressaltar que a organização das atividades é feita exclusivamente por membros da ACMIG, sem vínculo com a gestão pública de Ilha Grande ou com agências e/ou operadoras de turismo da região. Há uma parceria com a UFDPAr, que cede um espaço em frente ao auditório central para instalação e funcionamento da FAPAF, realizada todas as quartas-feiras.

Consoante, as atividades promovidas pelo poder público e privado concentram-se mais nos passeios pelo Delta do Parnaíba em embarcações dos tipos catamarã e lancha rápida, sem possuir parceria com as mulheres da ACMIG. É o que relata dona Maria do Rosário (marisqueira):

A atividade é assim, é porque o pessoal que vão pro turismo só conhece fora, né? Aquela área que vai nos barcos, né? Aí nós leva para conhecer por dentro, onde nós mostra as plantas que a gente faz remédio, mostra tudo para aqueles turistas que a gente vai encontrando ali e que a gente usa. É o caju, é o jatobá, naquela parte toda ali que nós tira para mostrar para as pessoas que tem tudo aquilo na nossa Ilha. E porque nós também precisa de público, né?"

Assim, pode-se inferir que estas mulheres têm o seu destaque reduzido e até mesmo despercebido (Santos; Silva; Silva Filho, 2025) por aqueles que detêm de uma maior facilidade em disseminar um produtor turístico, como é o caso das agências e operadoras de turismo locais.

Essa falta de parceira resulta em um produto com forte potencial para o TBC, mas que é deixado em segundo plano, dificultando a sua comercialização. Por consequência, gera-se certa desigualdade social e de gênero, pois concentrando o turismo nas mãos dos grandes empreendedores do turismo, estas mulheres que buscam comercializar seus produtos acabam ficando esquecidas.

Apesar disso, entende-se que, conforme a fala da associada dona Augusta (marisqueira), a Trilha das Marisqueiras promove o TBC por ser um produto com uma proposta diferente do que normalmente é oferecido na região do Delta do Parnaíba. Isso, a priori, chama a atenção do turista, porque *“eles gostam muito, porque é uma coisa que eles não veem em toda parte. E lá, nós tem aquelas lagoas, bastante cheias d’água, que eles gostam de banhar”*. A Fotografia 7, então, corrobora com a fala da marisqueira, pois apresenta uma parte do cenário visualizado no decorrer do percurso:

Fotografia 7: Trecho da Trilha das Marisqueiras com paisagem recortada por formações dunares e vegetação.



Fonte: Valdinez Léa Ramos (2024).

Ademais, a fim de proporcionar o TBC, a Trilha das Marisqueiras ainda tem grande potencial em beneficiar economicamente os associados, haja vista que é da Trilha das Marisqueiras e da cata do marisco que os associados tiram seu sustento:

A trilha ajuda nós a pagar as contas que a gente tá precisando, sabe? Aquilo que a gente arruma ali é para pagar nossas contas de água, de luz, e aí já é uma força pra nós, porque o dinheiro tá difícil. A gente não tem, aí a gente tira dali da Trilha. (dona Augusta, marisqueira).

Em síntese, entende-se que a trilha, enquanto TBC, proporciona benefícios econômicos, além da igualdade social e de gênero. Isto posto, aponta-se a importância do TBC para estas mulheres e também para a comunidade em geral.

Outrossim, quanto à caracterização da Trilha das Marisqueiras, é perceptível, através da fala dos associados e da observação, que há uma preocupação em determinar as funções de cada membro da ACMIG. Cada membro possui sua carga de importância na execução, seja com a recepção dos visitantes, com o preparo do almoço, além daquelas que executam a Trilha.

Assim, percebe-se a importância da organização das mulheres da ACMIG para que todo o trabalho seja concretizado. As decisões são tomadas em conjunto entre as mulheres, por meio de reuniões e conversas. Isso externa como o TBC possui um papel importante para a união das mulheres marisqueiras, e automaticamente, para o impulsionamento do destaque destas mulheres.

CONCLUSÕES

Através dos dados obtidos pela pesquisa de campo, foi possível analisar a operação da Trilha das Marisqueiras como um produto TBC, devido toda a sua carga comercial, social, cultural e a sua importância para com aqueles que estão envolvidos.

A Trilha das Marisqueiras promove o turismo sustentável por meio do turismo de experiência, proporcionando uma imersão na cultural local, nas paisagens que podem ser observadas durante o percurso da caminhada, com as dunas, vegetação nativa, gastronomia, os banhos de lago e rio, etc.

Apesar de grande potencialidade, indica-se por meio da entrevista que as mulheres que executam a Trilha não possuem apoio e nem destaque suficiente para promover e comercializar a Trilha das Marisqueiras, pois acabam não recebendo apoio dos setores públicos e privado para divulgação.

Isso resulta em um cenário desigual para o turismo local, que acaba tendo em evidência o turismo de massa com os passeios executados em lancha rápida ou catamarã, além da desigualdade social e de gênero ao deixar as mulheres no último degrau em evidência.

Por meio do material obtido, foi possível alcançar os principais objetivos que serviram como base para a conclusão deste trabalho, com a análise da operacionalização da trilha, a discussão sobre a participação de agentes locais na operacionalização da trilha e a apresentação da trilha enquanto produto do TBC.

Com os objetivos alcançados, chegou à resposta do problema da pesquisa, no qual indica que a Trilha das Marisqueiras possui potencial para se firmar enquanto produto do TBC. Observa-se que a Trilha das Marisqueiras possui competência para o turismo de experiência, por proporcionar além dos benefícios do TBC, uma atividade totalmente diferenciada do que é visto no turismo de massa executado pelas grandes agências e operadoras locais.

Também foi possível elucidar possíveis novos temas que podem descender desta pesquisa, como a relação do poder público e privado para com os pequenos negócios locais do TBC da região. Roga-se ainda que este trabalho pode dar luz a novas outras pesquisas que possam beneficiar a região estudada e contribuir para elucidar possíveis potenciais produtos turísticos do TBC.

É fundamental abranger cada vez mais estudos voltados ao turismo, ao TBC e as análises de gênero para que a atividade turística possa ser descentralizada dos grandes monopólios privados locais e proporcionar para a sociedade benefícios e igualdade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago Chagas de; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento local sustentável: conexões e reflexões**. Revista de Turismo Contemporâneo, Natal, v. 11, n. 1, p. 1-21, jan./abr. 2023.

ALVES, Kerley dos Santos. MOREIRA, Maria Ignez Costa. **Trabalho em turismo e relações de gênero**. Turismo, trabalho e gênero: uma abordagem interdisciplinar (pp. 16–29). UFOP. 2016.

BASTOS, Marcia Suelil Castelo Branco; BARBOSA, Wagner Luiz Ramos. Mulheres erveiras da Amazônia e o turismo de base comunitária na perspectiva do desenvolvimento local. XI CODS – Colóquio de Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade. Universidade da Amazônia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/13935/1/Artigo_MulheresErveirasAmazonia.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

BOOKING. **Turismo noturno, inteligência artificial e férias inclusivas: 9 previsões da Booking**. Com para viagens em 2025. Booking, São Paulo, 21 de novembro de 2024. Disponível em: <https://news.booking.com/pt-br/turismo-noturno-inteligencia-artificial-e-ferias-inclusivas-9-previsoes-da-bookingcom-para-viagens-em-2025/>. Acesso em 29 nov. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 9.763, de 11 de abril de 2019**. Regulamenta o disposto no inciso XI do caput do art. 5º da Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, com vistas a desenvolver, a ordenar e a promover os segmentos turísticos relacionados com o Patrimônio Mundial Cultural e Natural do Brasil. Brasília, DF: Diária Oficial da União, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9763.htm. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BURSZTYN, IVAN; BARTHOLO, ROBERTO; DELAMARO, MAURICIO. **Turismo para quem?** Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras/ Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn, organizadores. – Rio de Janeiro, Letra e Imagem, 2009.

CRUZ, Merlyn Gutiérrez; DEVESA, María Jesús Such; QUIÑONES, Patricia Gabaldón. **La mujer emprendedora en el turismo rural: peculiaridades del caso costarricense através de la revisión bibliográfica**. Cuadernos de Turismo, nº 46, p. 185-214, 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/turismo/article/view/451691/296121>. Acesso em: 20 nov. 2024.

EMBRATUR. **Turismo internacional injeta US\$ 4,8 bilhões no Brasil em apenas oito meses e supera em quase 10% o mesmo período de 2023**. Embratur, Brasília, 25 de

setembro de 2024. Disponível em: <https://embratur.com.br/2024/09/25/turismo-internacional-injeta-us-48-bilhoes-no-brasil-em-apenas-oito-meses-e-supera-em-quase-10-o-mesmo-periodo-de-2023-2/#:~:text=Em%202023%2C%20os%20viajantes%20internacionais,Copa%20do%20Mundo%20de%20futebol.> Acesso em 21 nov. 2024.

FERGUSON, Lucy. **Turismo, igualdad de género y empoderamiento de las mujeres en Centroamérica. Papeles de relaciones ecosociales y cambio global.** Madri. n.111, 123-133, 2010. Disponível em: https://www.fuhem.es/papeles_articulo/turismo-igualdad-de-genero-y-empoderamiento-de-las-mujeres-en-centroamerica/. Acesso em: 01 dez. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Com elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIMM, Isabel Jurema; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental.** Revista Brasileira de Ciências Ambientais – Número 19 – Março de 2011. p.57-68

HALLACK, Nathália; BURGOS, Andrés; CARNEIRO, Daniela Maria Rocco. **Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras.** Ambientalmente Sustentable, Galicia, ano 6, v. 1, n. 11- 12, p. 7-25, jan./dez, 2011. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/RAS/article/view/808>. Acesso em 26 nov. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDONÇA NETO, Mario Teixeira de; NASCIMENTO, Marco Antonio Leite. **Turismo de Base Comunitária e gestão participativa em áreas protegidas.** Ateliê do Turismo, Campo Grande – MS, v. 8, n. 1, p. 109-133, jan – dez 2024.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo brasileiro bate recorde em setembro com faturamento de R\$16,9 bilhões.** Brasil: 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-brasileiro-bate-recorde-em-setembro-com-faturamento-de-r-16-9-bilhoes>. Acesso em: 1 dez. 2024.

MORAES, Edilene Albertino. **Siga os atores e as suas próprias ações: no rastro das controvérsias sociotécnicas do turismo de base comunitária na rede cearense de turismo comunitário TUCUM – Ceará – Brasil.** Programa Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federa de Juiz de Fora, Rio de Janeiro, 2019.

MORAES; Edilaine Albertino de; GUERRA, Marília Falcone; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda; FENERICH, Gabriel Nogueira. **Turismo de base comunitária em unidades de conservação de uso sustentável no Brasil: para pensar práticas de gestão.** Turismo, Visão e Ação. Balneário Camboriú, SC, v26, e19133, jan./dez.2024. Disponível em: <https://dxdoi.org/10.14210/tva.v26.19133>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MORAES, Edilaine Albertino; IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina Miranda. **Turismo de Base Comunitária na América Latina: uma estratégia em rede.** Turismo: Visão e Ação, 20(2), 249-265, 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/13161>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Christiana de Sousa Damasceno; LEMOS, Maria Patrícia Freitas. **Entre lugares e afetos: oficina de mapas afetivos com as mulheres marisqueiras de Ilha Grande do Piauí, Piauí, Brasil.** *Revista Observatório de la economia latino-americana*, Curitiba, v. 22, n° 1, p. 2527 – 2547, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório global sobre mulheres no turismo** – Segunda Edição. Madrid: 2019. Disponível: <https://doi/book/10.18111/9789284420384>. Acesso em: 21 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS MUJERES. **Global report on women in tourism 2010: preliminar findings** (2a ed.). Madrid: 2010. OMT; New York: ONU Mujeres. Disponível em: <https://doi.org/10.18111/9789284422753>. Acesso em: 21 nov. 2024.

PIMENTEL, Maria José dos Santos. **Turismo de Base Comunitária e empoderamento feminino na Comunidade Indígena do Catu dos Eleotérios.** 2024. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

RODRÍGUEZ, Gregoria; VIZCARRA, Ivonne. **Turismo comunitário e gênero: a incorporação da mulher no projeto turístico Ejido El Rosario Ocampo.** México. *Revista Espanhola de Desenvolvimento Rural*, v. 6, n. 1, p. 55-70, 2015.

SAMPAIO, Carlos Alberto Ciocec. **Arranjo socioproductivo de base comunitária: análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e Chile.** Anais do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2006.

SANTOS, Mateus Rocha dos; SILVA, Edvania Gomes de Assis; SILVA FILHO, Francisco Pereira da. **Turismo de natureza: uma experiência da trilha das marisqueiras na Apa Delta do Parnaíba – Piauí.** In: SILVA, Edvania Gomes de Assis; SILVA FILHO, Francisco Pereira da; ROCHA, John Kennedy Viana; SANTOS, Mateus Rocha dos. **Geografia, turismo e gestão ambiental: uma análise interdisciplinar.** Parnaíba: EDUFDPAR, 2025. p. 54 – 77.

SEBRAE. **Rota das Emoções: atrativos e resultados para o trade.** Sem local. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/rota-das-emocoes-atrativos-e-resultados-para-o-trade,e53806de0bbe6810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SILVA, Joyce Lara Ribeiro Santos. **Gênero, raça e trabalho: um estudo a partir de um estabelecimento hoteleiro no município de Parnaíba – PI.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Graduação em Turismo). Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2019.

TEIXEIRA, Fátima Regina; VIEIRA, Filipa Dionísio; MAYR, Luiz Roberto. **Turismo de Base Comunitária: uma abordagem na perspectiva da análise de clusters.** *Rev. Tur., Visão e Ação*, v21, n2, p02-21, Mai./Ago. 2019 - Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil.

VIEIRA, Kiara Cristine Diniz; ARAÚJO, Mônica de Nazaré Ferreira de; CÂMARA, Rosélis de Jesus Barbosa; RIBEIRO, Ruan Tavares. **O protagonismo feminino e o turismo de base comunitária**: um estudo das empreendedoras de Betânia e travosa no município de santo amaro do maranhão. Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP). v. 11, nº 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/1011/964>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ZANETONI, João Pedro Ferraz; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto; DE ARAUJO, Geraldino Carneiro; DOS SANTOS, Gabrielly Martins. **Turismo de base comunitária (TBC) como fonte de renda para assentamentos da agricultura familiar**. V EIGEDIN – 19 a 22 de outubro (evento Online), 2021.